

“THE GARDEN OF EDEN”, ERNEST HEMINGWAY E A ANDROGINIA

Raquel Reis Rodrigues (UFRJ)¹

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma análise do romance "The Garden of Eden", do escritor americano Ernest Hemingway e alguns trechos de sua autoficção "A Moveable Feast", reeditada por Séan Hemingway em 2009. Para essa análise será utilizada a leitura que Mary V. Dearborn, em sua recém lançada biografia sobre o autor ("Ernest Hemingway, a biography", 2017), desenvolve. Temas como relacionamento e a obsessão do escritor pela androginia serão o foco do trabalho.

Palavras-chave: Hemingway; androginia; autoficção

A última biografia escrita sobre o escritor americano Ernest Hemingway foi lançada no ano passado pela autora Mary Dearborn. Já no prefácio, a autora perpassa o ponto que pretendo priorizar nesse presente trabalho, o livro “Jardim do Éden” e sua visão sobre androginia e a personalidade de Ernest Hemingway. Dearborn comenta em uma passagem que esteve presente em um congresso sobre o escritor nos Estados Unidos, na qual se discutia, principalmente, a partir da constata autoafirmação de sua masculinidade. A biógrafa na época diz que se sentiu fora de lugar e que suas opiniões não eram consideradas, no dado momento ela já estava trabalhando na obra comentada. E percebeu o que faltava nos estudos sobre o escritor americano: o olhar feminino.

Dearborn é a primeira biografia de Ernest Hemingway e a que fez o trabalho mais extenso sobre o escritor americano, chamando a atenção dos Estudos de Gênero. Para Dearborn, a imagem que Hemingway passava de símbolo de virilidade e masculinidade era fictícia, apesar de ser autêntica. O escritor criou um personagem, o que fez dele famoso mundialmente, e suas histórias se misturavam com a de seus próprios personagens.

Porém, dois livros foram deixados inéditos por Hemingway após sua trágica morte em 1961. “Paris é uma festa”, escrita memorialista sobre sua juventude em Paris na década de 1920, na famosa Geração Perdida, e “O Jardim do Éden”, que conta a história de um casal recém-casado, David e Catherine, em sua lua de mel que para inovar em seu relacionamento realizam algumas fantasias sexuais, até chamarem uma terceira pessoa, Marita, para o relacionamento, e que ao final causa a separação do casal. Pretendo retornar a alguns pontos do enredo de ambas as obras, mas deixo dois

¹ Graduada em Letras (UFJF), Mestranda em Ciência da Literatura (UFRJ). Contato: raquelrodrigues02@gmail.com.

questionamentos anteriores: por que Hemingway não publicou as obras, e por que foram elas tão modificadas?

“Paris é uma Festa” foi publicado três anos após a morte do autor, em 1964, e em 2009 Seán Hemingway, neto de Ernest Hemingway e Pauline Pfeiffer, adicionou algumas partes achadas no manuscrito da obra, além de alterar o capítulo final, editado originalmente por Mary Hemingway, quarta e última esposa do escritor. Segundo o neto, o último capítulo não era justo com Pauline.

Além dessa passagem há o acréscimo de outro capítulo, “*Secret Pleasures*”, no qual Hemingway fala sobre seu desejo (reprimido) de deixar o cabelo comprido e o fato do cabelo curto em Hadley Richardson, sua primeira esposa, ser uma das principais características de sua atração física por ela. Ele fala ainda das cartas que ele escrevia para ela, quando não estavam juntos, da saudade que sentia de estarem juntos, muitas vezes de cunho quase pornográfico. Nesse capítulo, Hemingway descreve o caráter de experimentação que tinha seu primeiro casamento. E como o corte de cabelo de Hadley despertava “prazeres secretos”. Este capítulo, no entanto, ainda não foi acrescentado na versão brasileira do livro.

Não é apenas, em sua autobiografia que Hemingway fala sobre a atração do cabelo curto feminino, e há sempre a comparação com o sexo oposto, ou seja, o cabelo curto que faz a mulher parecer um menino. No conto “Gato na chuva”, escrito ainda na década de 1920, é retratado a vida em matrimônio e suas desvantagens. Em um quarto de hotel está o casal, a mulher assentada à frente da penteadeira, enquanto o marido lê na cama. A mulher avista pela janela um gato se escondendo da chuva e resolver ir atrás do animal. Quando chega ao lado de fora do hotel não acha o gato, esse fato faz ela pensar em sua vida de casada e o quanto ela queria que sua vida fosse diferente.

Ela foi à penteadeira, sentou-se na frente do espelho e olhou-se no espelho de mão. Olhou-se de perfil, de um lado e do outro. Depois olhou a cabeça atrás e o pescoço.

- O que você acha de eu deixar o cabelo crescer? – perguntou, olhando-se de perfil mais uma vez.

George olhou e viu a nuca dela, o cabelo cortado rente como de menino.

- Gosto dele assim.

-Estou cansada dele. Estou cansada de parecer um menino.

George mudou de posição na cama. Não tinha desviado os olhos dela desde que ela começara a falar.

-Você fica linda demais assim – comentou.

Deixou o espelho de mão na penteadeira, foi à janela e olhou para fora. Escurecia.

-Quero poder pentear o cabelo para trás e fazer um coque grande na nuca, coque que eu poça pegar – disse. – Quero um gatinho para sentar o meu colo ronronar quando eu acariciar.

- Não diga.

- Eu quero comer à mesa com meus talheres de prata e com velas. Quero que seja primavera, quero escovar meu cabelo na frente do espelho e quero um gatinho. E quero roupas novas.

-Ah pare com isso e vá ler alguma coisa. – motejou George. Ele voltara a ler.

A mulher continuava olhando pela janela. Já estava completamente escuro e ainda chovia nas palmeiras.

- Pois eu quero um gato – afirmou ela. – Quero um gato. Quero um gato agora. Se não posso ter cabelo comprido nem nenhum divertimento, quero ter um gato (HEMINGWAY, 2013, p.115).

Dois pontos do trecho citado dialogam com o romance que quero priorizar, “O Jardim do Éden”: primeiro, o fato do cabelo curto da mulher e; segundo, o relacionamento do casal. Para aqueles que conhecem Ernest Hemingway encontram em sua vasta obra histórias de guerra, de safari, e de pesca. Desde seu primeiro romance, “O sol também se levanta”, situado na Espanha durante a década de 1920, no período entre guerras, no qual acontecia um festival de tourada. No seu segundo romance, “Adeus às Armas”, que se passa na Itália durante a primeira Guerra Mundial. “Por Quem os Sinos Dobram”, considerada sua obra prima, fala sobre a guerra civil espanhola, “O velho e o mar” conta a história de um velho pescador que luta contra um marlim gigante em busca de sua glória. São por essas histórias que conhecemos Hemingway, na qual muitas vezes misturamos escritor e herói. Mas isso não nos mostra sua totalidade como escritor.

“O Jardim do Éden” foi um livro lançado em 1987, mais de vinte e cinco anos após sua morte, e criticado por estudiosos de Hemingway por ter sido demasiado editado. Esse livro foi esquecido por seus leitores, e até pelas editoras, que não fizeram novas tiragens em suas mais recentes vendas.

Neste romance vemos o protagonista David recém-casado com Catherine, em lua-de-mel no interior da França, em uma pequena vila. David é escritor e acaba de ter seu primeiro livro lançado, e está descansando para começar o segundo. A esposa vem de família rica e garante uma vida confortável aos dois. É possível perceber logo de início que Catherine é uma jovem que gosta de novidades e sempre se destaca aos

demais por sua autenticidade. O narrador menciona, por exemplo, suas roupas e seu comportamento. “Ainda não se usava camiseta de pescador e essa jovem com ele quem se casara era a primeira que ele via vestindo uma” (HEMINGWAY, 1988, p.12).

Ali permaneceram sentados, vestindo camisetas listradas de pescador e os shorts que tinha comprado na loja que vendia artigos de praia. Estavam bem bronzeados e tinham os cabelos manchados e desbotados pela ação do mar e do sol. Muitas pessoas pensavam que fossem irmão antes que declarassem ser marido e mulher. Algumas não acreditavam que eram casados e isso deixava a jovem muito feliz (HEMINGWAY, 1988, p.12)

Nesse tom se escreve o livro. Os dois muito felizes, muito bronzeados, muito apaixonados passam seus dias entre ir à praia, comer, visitar a vila, e ficar no hotel. Até que Catherine começa a aparecer com algumas surpresas para David. Ela chega no hotel com o cabelo curto como o dele. “Jamais uma jovem decente tinha cortado os cabelos tão curtos assim nessa região do país e mesmo em Paris era raro e fora do comum e podia ser muito bonito ou muito ruim” (HEMINGWAY, 1988, p.25). “- Esta é a surpresa. Sou uma garota. Mas agora também sou um menino e posso fazer qualquer coisa, qualquer coisa qualquer coisa” (HEMINGWAY, 1988, p.23).

Na noite em que se segue Catherine pergunta a David se ele não se importaria se fossem um pouco pervertidos. E pela primeira vez eles terão uma relação sexual com Catherine fazendo o papel do homem. Dessa maneira acaba o primeiro capítulo, no seguimento da obra essas surpresas de Catherine vão se intensificando, ela descolore o cabelo, pede a David para fazer o mesmo, andam sempre com as mesmas roupas. David se mostra algumas vezes incomodado. Mas sempre cede aos desejos da esposa.

Porém Catherine começa a se incomodar com tanto de tempo que David começa a dedicar ao trabalho e não a ela. Na medida que se intensifica esse trabalho, mais partes da obra em que David está trabalhando entram no meio do livro. O livro é lido com o enredo principal e o conto que David está escrevendo ao fundo, aparecendo em tempos, sobre uma viagem que o personagem fez para África quando era criança na companhia de seu pai, e caçaram um elefante.

O modo em que os dois viviam dentro do quarto, Catherine começa a levar para fora, como a visita ao Museu do Padro na cidade de Madri, na qual ela fala que foi apreciar os quadros como um menino.

Catherine conhece Marita e decide chamá-la para hotel para viver com o casal. E quanto mais Catherine e David brigavam por conta do trabalho do marido, o qual Catherine dizia ter financiado e que eram horríveis, mais David e Marita se aproximavam, o que levou Catherine a ter mais ciúmes.

David tomou um gole de seu drinque e fitou-a. Ela era a mesma garota morena maravilhosa e linda e os cabelos cor de marfim eram como uma cicatriz através de sua testa. Somente seus olhos tinham mudado e seus lábios diziam coisas que eram incapazes de dizer (HEMINGWAY, 1988, p.204)

Ao final do livro, Catherine decide de retirar da vida dos dois, faz as malas e vai embora. A história termina com David levantando de manhã ao lado de Marita para começar mais um dia de trabalho.

Após essa rápida explicação de como se desenvolve o livro, pretendo voltar ao ponto que pretendo estender. O desejo de Catherine de estar semelhante ao marido, David e de se comportar como um menino.

Em “O Jardim do Éden”, as mudanças que Catherine faz para parecer um menino são na maioria comportamentais e de aparência. Ela corta o cabelo como um menino, ela se veste com roupas que não seriam apropriadas para mulher, ela se comporta como um menino em determinadas situações.

Para realizar está análise temos que levar em consideração o tempo em que foi escrito o romance. Ernest Hemingway levou quinze anos para terminar essa obra, escreveu-o por volta de 1945 a 1960, porém o romance é ambientado no final de 1927. Os padrões de posturas do feminino e do masculino eram muito mais rígidos do que se comparados com o dia de hoje.

Cito Judith Butler para nos ajudar no embate sobre o gênero:

Os limites na análise de gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural

hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é construída naquilo que a linguagem constitui como domínio imaginável do gênero (BUTLER, 1990, p.28).

A construção andrógina da personagem Catherine é como um pedido por liberdade de expressão sexual em uma época ainda muito marcada pela opressão e pelo machismo. A busca pela aproximação ao masculino é poder se sentir mais livre de fazer suas próprias escolhas, e não ser submissa como era representativo do papel feminino.

Nas duas citações anteriores, tanto da fala de Catherine logo após ter cortado o cabelo, como no conto “Gato na chuva” as personagens femininas demonstram insatisfação de não poderem fazer o que querem. Apesar da situação ser oposta, no conto, a esposa, em uma catarse, fala de tudo que queria fazer e não pode por causa do relacionamento em que está, como deixar o cabelo crescer, e não poder porque o marido prefere curto. No caso de Catherine, a característica andrógina da personagem que a aproxima da imagem masculina, aproximando-a assim também do gênero masculino te dá uma perspectiva de liberdade, própria da construção cultural do gênero em transformação.

No entanto, quanto mais livre e feliz Catherine se sentia, mas ela se afasta do marido. O peso que a sociedade jogava em cima da personagem por ser uma mulher e tomar decisões de cunho masculina foi muito grande. A personagem ao final do livro começa a ter ataques de histeria a partir do ciúme que sentia do marido tanto por causa do trabalho como por causa de sua relação com Marita, mulher que Catherine havia incorporado ao relacionamento.

Não foi apenas isso que a afastou do casamento, desde o início David não conseguiu acompanhar suas mudanças, ele tentava agradar a esposa, mas não se sentia confortável em algumas situações, como na primeira relação sexual dos dois tendo Catherine como um garoto.

O jovem pôs os braços em torno da moça e apertou-a com força de encontro a si. Sentiu seus maravilhosos seios contra o toráx e beijou-a na boca. Mantive-a junto a si, bem apertada, e em seu íntimo disse adeus e depois adeus e adeus (HEMINGWAY, 1988, p.27).

A partir do que se disse anteriormente, é perceptível que há uma parte da obra de Ernest Hemingway que fica na sombra de sua vasta bibliografia. Apesar do escritor falar sobre a questão do cabelo em outras obras, como em “Por Quem os Sinos Dobram”, a questão da sexualidade nunca foi tema principal de seus romances como acontece em “O Jardim do Éden”.

Chega ao fim, então, com a indagação que Mary Dearborn se faz ao prefácio de sua obra:

Should we still read Hemingway? Are his concerns still relevant? Was Hemingway gay? (The short answer is no). Why could he not create a complicated female heroine? Does Hemingway have anything at all to say to people of different races and ethnicities? On the plus side, does his intense feeling for the natural world take on greater significance at time of growing environmental consciousness? If we were to continue to read Hemingway, we need to take note of *how* we read him, it seemed (DEARBORN, 2017, p.5).

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. Trad. Renato Aguiar. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DEARBORN, Mary V., *Ernest Hemingway: a biography*. New York: Knopf, 2017.

HEMINGWAY, Ernest. *O Jardim do Éden*. Trad. Wilma Freitas Ronald De Carvalho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

HEMINGWAY, Ernest. *Gato na Chuva*, In. *Contos de Hemingway vol.2*. 3ª ed. Trad. José J. Veiga. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HEMINGWAY, Ernest. *Paris é uma festa*. Trad. Ênio Silveira. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.

HEMINGWAY, Ernest. *A Moveable Feast*. 1ª ed. Londres: Simon & Schuster UK Ltd, 2014.